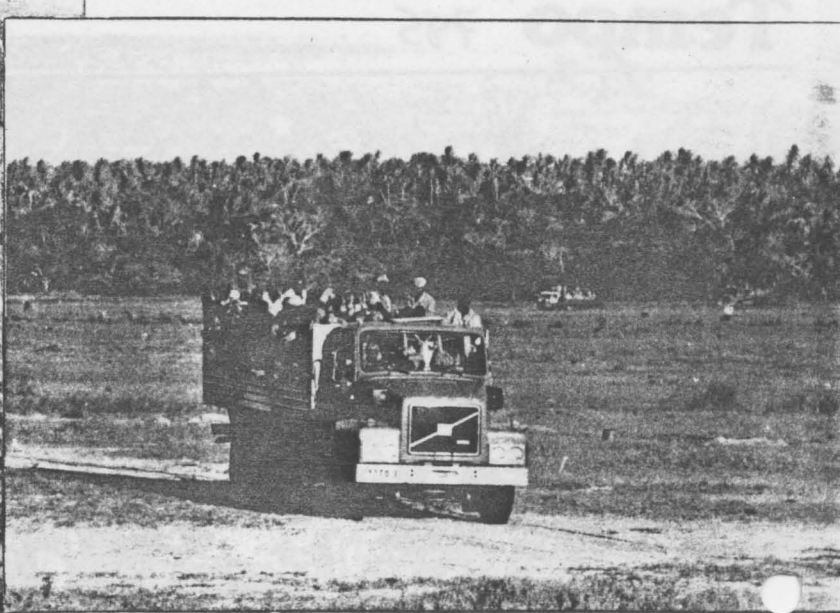
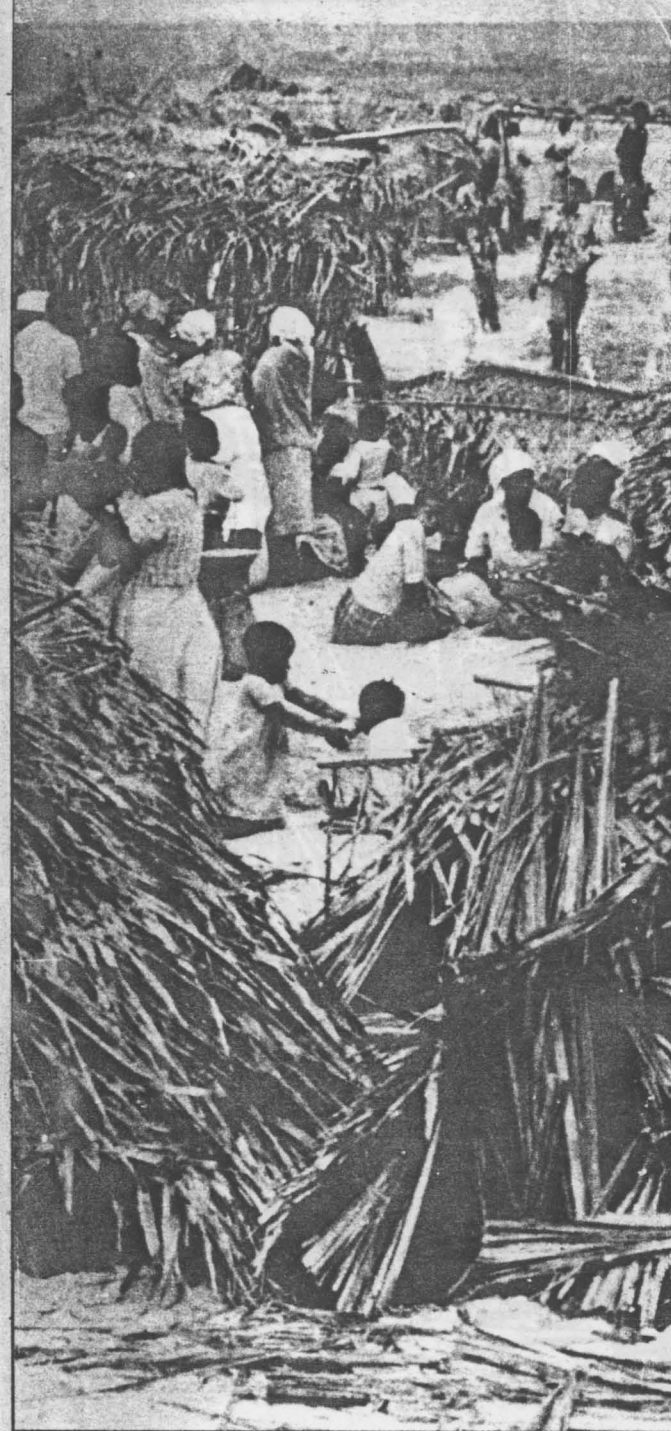


INHAMBANE

Bandidos em d

● Base de Nhandjele tomada pelas FPLM

Texto de Joaquim Salvador ● Fotos de Kok Nam



*Em cima:
Saídos da mata
densa os camiões
que acompanharam
a coluna militar,
transportam
o socorro imediato
de que carecem
as populações
que viviam com
os bandidos.*



A nossa reportagem esteve lá, acompanhando o Major-General Domingos Fondo, Comandante Provincial de Inhambane e principal estratega de uma série de operações militares que devolvem paulatinamente a paz a esta região sul do nosso País.

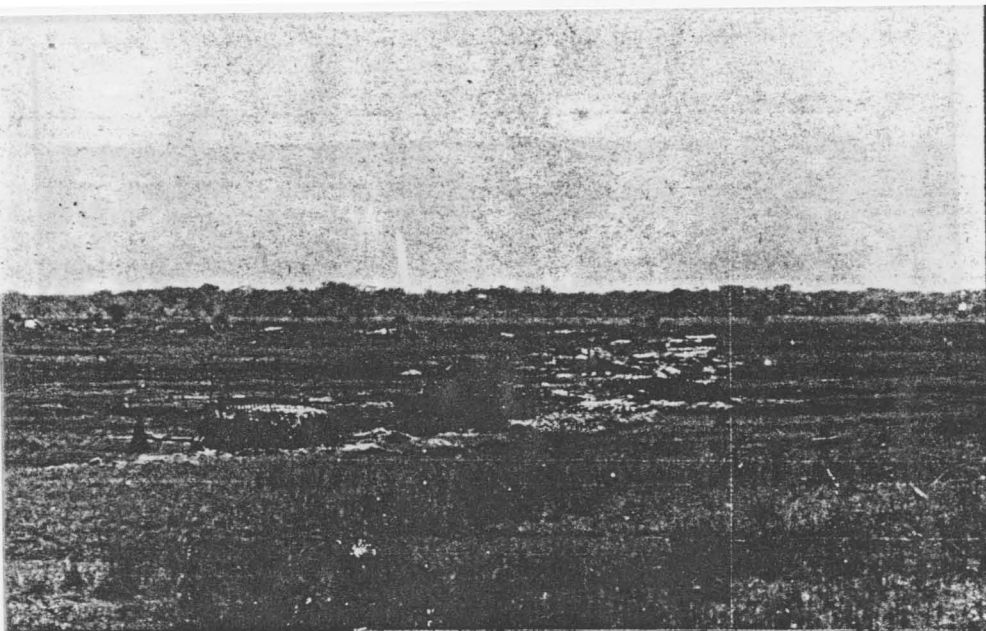
De facto, os anos negros da violência terrorista que tiveram o seu auge nos anos que medeiam entre 1982 e 1984 têm, é certo, as suas marcas visíveis e presentes no quotidiano de cada um. No entanto, bandidos, a seca e a fome não conduziram ao desânimo. Pelo contrário, militares e populações, camponeses e empresas vitais à vida provincial encaram, com indiferente optimismo, o futuro.

As operações culminaram com a tomada da base de Nhandjele, onde viviam populações raptadas. Ali existiam linhas de defesa contra ataques convencionais de infantaria de forma alguma encaradas de ânimo leve pelas Forças Armadas, até porque desde que aquele acampamento foi instalado em 1982 três operações militares de grande envergadura haviam sido repelidas pelo inimigo.

Situada numa extensa planície de 15 por cinco quilómetros, a base contava com os recursos hídricos da lagoa do mesmo nome onde igualmente abunda o pescado de água doce e que servia como alimentação aos bandoleiros. Rodeada de mata densa por qualquer dos lados, Nhandjele possuía postos avançados desde praticamente a estrada de Inharrime a Panda e uma base operacional denominada Chipasse, localizada a cerca de oito quilómetros da planície. Esta base operacional foi igualmente tomada pelas nossas forças

ebandada

O que se pode considerar como a principal base dos bandidos armados na parte sul da província de Inhambane, situada na planície de Nhandjele, a 33 quilómetros de Inharrime, foi tomada pelas nossas Forças Armadas no passado dia 27 de Setembro, na sequência de combates integrados no nome de código «Operação 21.º Aniversário».



Um aspecto das defesas do perímetro da base, podendo-se constatar a precariedade das construções ali existentes

tar para cima de 100 pessoas que se encontravam na situação de prisioneiras e eram obrigadas a fazer machamba, pescar e abastecer de água os bandidos.

Entre os civis que se encontravam em Nhandjele e Chipasse à altura da libertação contam-se diversos madjibas (informadores), um curandeiro e o responsável dos assuntos sociais das bases. A população é quase que totalmente constituída por velhos, mulheres e crianças. Algumas destas nasceram na base no desconhecimento absoluto dos requisitos mínimos da civilização, como o barulho de motores, luz eléctrica e assistência médica. Viviam no obscurantismo mais primário cultivado pelo curandeiro que ali se encontrava.

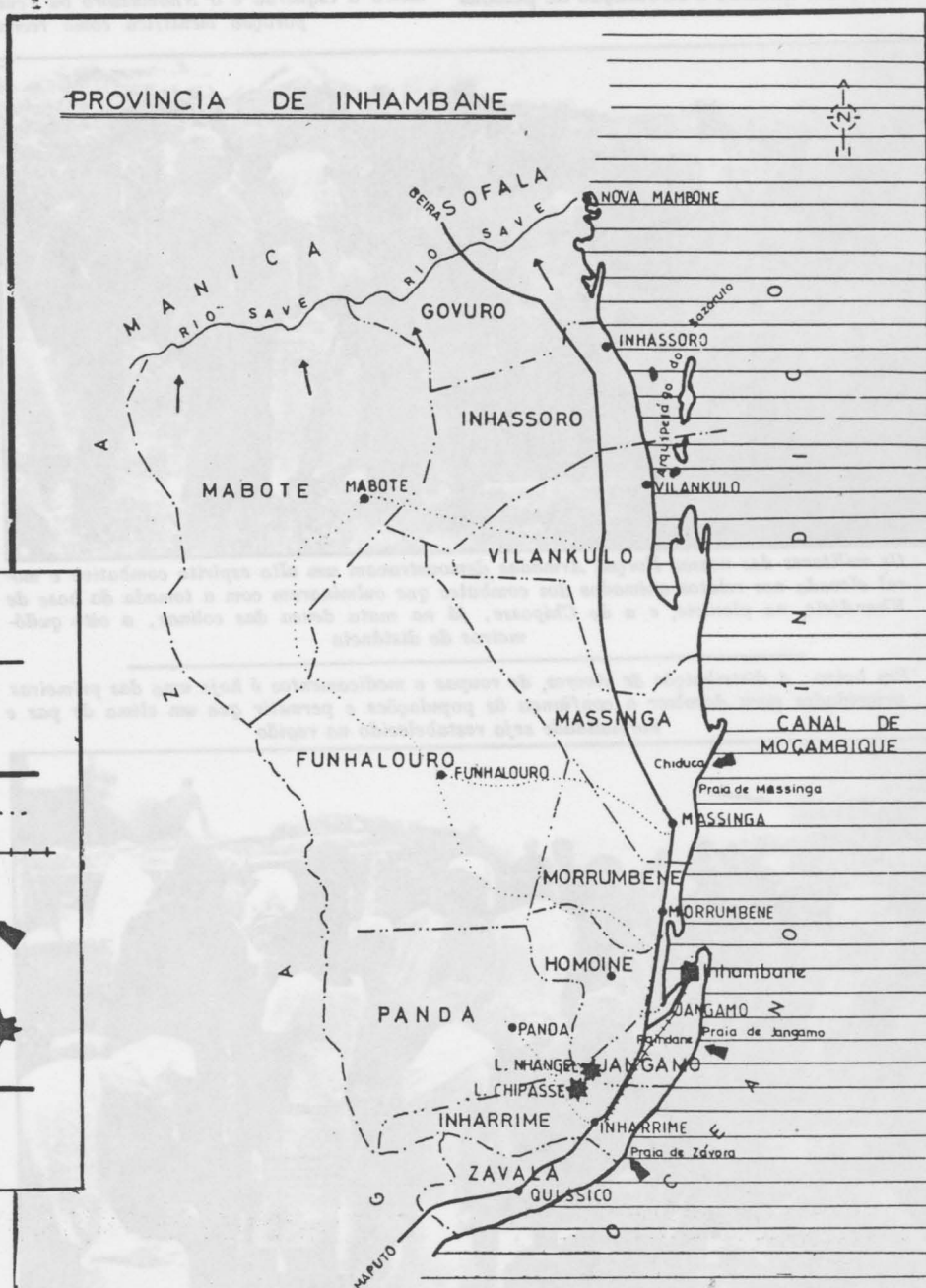
Como acções de apoio imediato a esta

a 10 de Setembro passado após intensos combates.

Os efectivos militares de infantaria contaram com o apoio da Força Aérea, cujos bombardeamentos foram considerados decisivos para o êxito da operação.

Toda a zona de Nhandjele se encontra completamente cercada pelo exército como forma de prevenir a fuga dos bandidos para outras zonas da província. Na sequência dos combates os bandidos deixaram 36 mortos no terreno, sendo difícil precisar o número exacto de baixas inimigas nos bombardeamentos aéreos efectuados.

Estas bases deveriam contar com cerca de 400 operacionais inimigos, de acordo com uma fonte militar. A debandada dos terroristas permitiu liber-



população traumatizada figuram a assistência dada pelo Gabinete Provincial de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais com géneros alimentícios de emergência e vestuário, assistência médica e humanitária pela Cruz Vermelha de Moçambique e o retomar gradual de uma confiança perdida que o alto moral das Forças Armadas incute aos habitantes da zona.

A IMPORTÂNCIA DAS BASES

Para as populações da província, falar de Nhandjele era falar do refúgio inexpugnável dos terroristas, era falar da desestabilização e massacres quotidianos durante os anos amargos de 82, 83 e 84, quando a circulação de pessoas



O Major-General Domingos Fondo, Comandante Provincial de Inhambane e estratega desta ofensiva militar contra os bandidos armados dialoga com parte da população. O primeiro à esquerda é o Nhamussoro ou (curandeiro) da base, indivíduo sem qualquer formação científica como reconheceu perante a nossa reportagem.



Os militares das nossas Forças Armadas demonstravam um alto espírito combativo e moral elevada nos relatos animados dos combates que culminaram com a tomada da base de Nhandjele, na planície, e a de Chipasse, já na mata densa das colinas, a oito quilómetros de distância

Em baixo: A distribuição de víveres, de roupas e medicamentos é hoje uma das primeiras prioridades para devolver a confiança às populações e permitir que um clima de paz e normalidade seja restabelecido na região



e bens era virtualmente impossível de se realizar.

Na realidade, o posicionamento daquelas duas bases na zona permitia controlar a estrada nacional n.º 1 entre Inharrime e Inhambane, particularmente na área de Malaíça, considerada pelos naturais como a Beirute 2, onde viatura ou pessoa que circulasse era impiedosamente massacrada. Controlando igualmente a zona de acesso a Panda, cerceavam-se as possibilidades de prospecção das riquezas minerais ali existentes. O próprio facto de a planície de Nhandjele se situar perto da faixa marítima, permitia o desembarque de armamento via Oceano Índico e a sua extensão possibilitava a aterragem de aviões com abastecimento em armas, munições e instruções concretas para a desestabilização da província.

As duas possibilidades de abastecimento ao inimigo por via marítima e aérea foi-nos confirmada pelo Major-General Fondo que assinalou a existência de um farol na zona de Paindane onde os submarinos desembarcavam armamento e a confirmação de aterragem na planície (este ano ainda) particularmente no período da noite. Estas bases mantinham conexões com a base de Paindane, onde decorrem igualmente operações de limpeza e a base de Chichococha, tomada ainda este ano e que se situa a sul de Nhandjele para o interior. Terroristas capturados em operações anteriores permitem afirmar a evidência de ligações entre as bases já referidas e outras situadas no distrito de Tome, no norte da província, zona onde igualmente se processavam desembarques na orla marítima e abastecimento de material por via aérea.

NHANDJELE

Para se chegar a esta extensa planície, distante mais de três dezenas de quilómetros de Inharrime, segue-se pela estrada de terra batida que liga a sede distrital a Panda e toma-se uma picada para a zona da lagoa de Nhandjele. Picada umas vezes visível, outras apenas adivinhada no terreno, ladeada de mata densa e onde as palmeiras pontificam abundantemente.

Quando iniciámos a marcha da coluna para Nhandjele, uma queimada devorava ambos os lados da picada consumindo a vegetação cerrada dos lados e obrigando-nos pontualmente a parar para apagar fogos mais perigosos. Numa extensão enorme, em distância que apenas se podia adivinhar, o fogo consumia à nossa volta, dificultando o acesso de viaturas e soldados, lançando cinzas e fumo sobre tudo e todos e obstruindo por vezes o caminho com troncos derrubados e ainda a der.

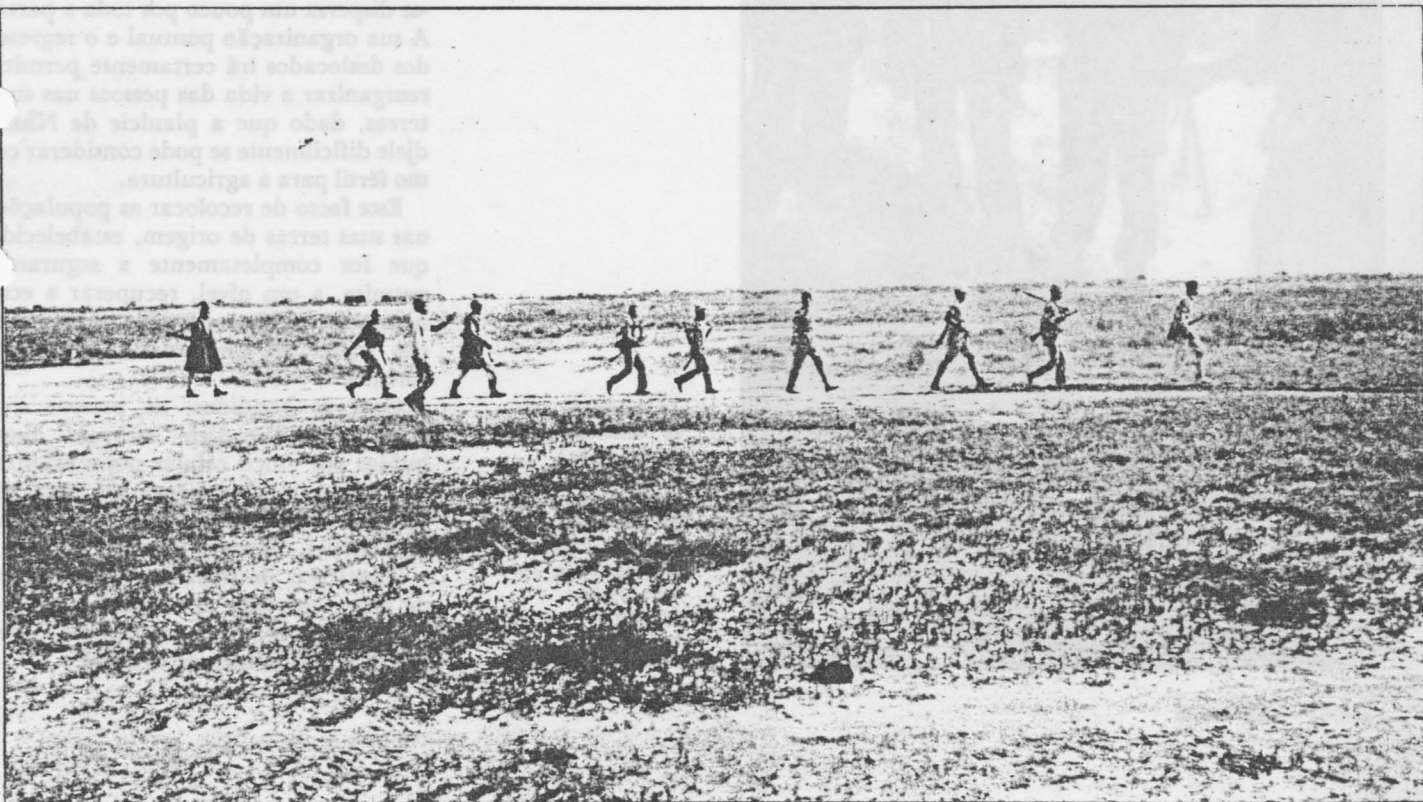
Mudanças repentinas de vento deixavam pairar em nós a dúvida sobre a chegada dos camiões com víveres, roupas e medicamentos a Nhandjele, já que as viaturas militares não tinham nem a fragilidade nem o peso das primeiras.

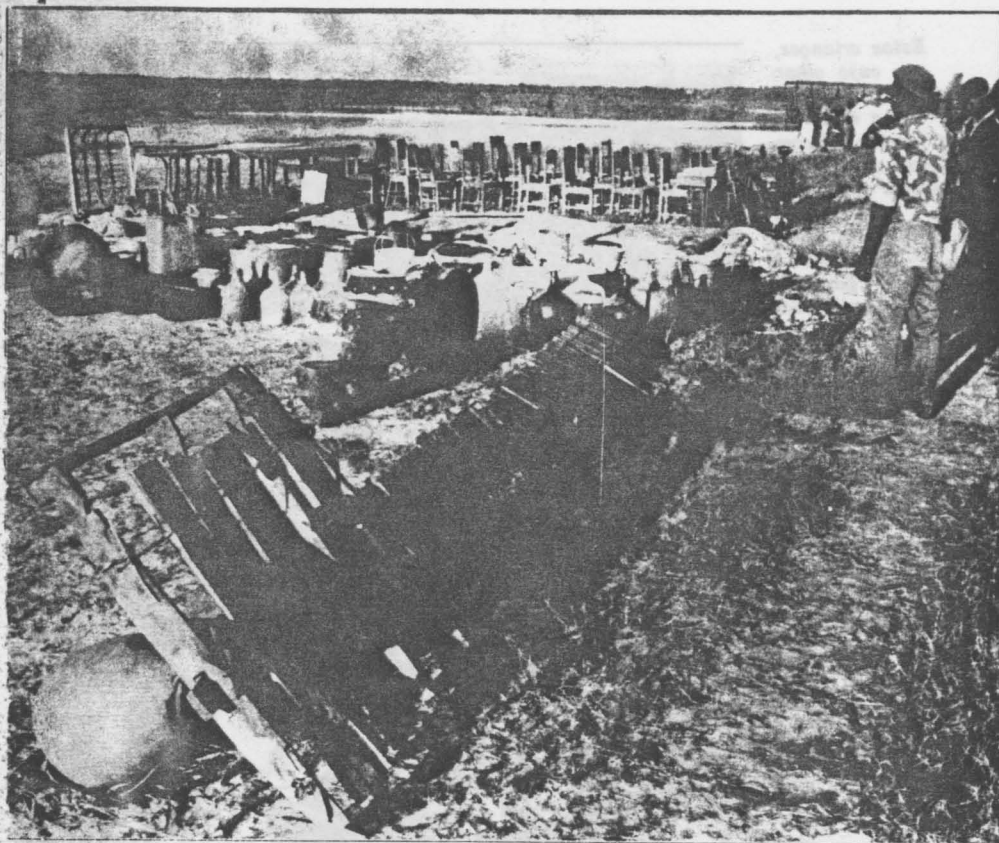
A nossa volta e durante o trajecto da picada, casas de alvenaria, povoações comerciais praticamente intactas e abandonadas pelos seus proprietários dão-nos a ideia do retrocesso de uma zona indiscutivelmente rica e da qual populações e comerciantes, proprietários e camponeses começaram a aban-

Estas crianças, cujo olhar demonstra a incerteza do futuro brincam com os primeiros objectos que agora encontram — são latas de alimentos para ali encaminhadas



Em baixo: Os nossos soldados patrulham a extensa planície de Nhandjele. A imagem dá-nos, aliás, uma ideia da sua imensidão e aridez, já que nem uma árvore é visível no horizonte





*Em cima:
Parte do material
apanhado na base
de Nhandjele,
vendo-se em primeiro
plano timbilas
e mais além
mobiliário diverso
roubado
das populações*



*As mezinhas
do nhamussoro
(curandeiro):
o obscurantismo
como forma
de dominação
de uma população
traumatizada por
uma guerra
de terror que não
compreende
nem aceita*

doná-la quando os bandidos fizeram dela seu quartel.

Zona rica em palmares e pomares de citrinos, zona de acesso a Nhandjele, a planície e seus arredores poderão vir a encontrar outros tempos quando, normalizada a situação, as pessoas começarem a regressar e a retomar o que é seu, a confiança ganha de que os terroristas não mais voltarão.

A planície deixa-nos deslumbrados pela sua extensão. São cerca de 30 quilômetros quadrados a descoberto. Para um lado e para o outro, até onde a vista alcança, um terreno que não parece propício à agricultura e muito menos para se constituir uma base.

Como resultado das operações militares referidas foi recuperado muito material pertencente às populações das redondezas, entre mobiliário, bicicletas, motorizadas e uma moageira anual.

De acordo com o Major-General Fôndo não foi capturado material de guerra que se possa considerar relevante pensando-se que os bandidos em fuga o tenham enterrado em zonas das cercanias. «Com confiança que as populações vão ganhar em nós e o regresso dos que se encontram fugidos nas matas e os deslocados em vários pontos da província, iremos encontrar esconderijos de armamento», facto que se tem repetido em circunstâncias idênticas em operações anteriores.

AS POPULAÇÕES

De facto, a população da zona de Inharrime e em particular a que vivia perto da lagoa de Nhandjele, encontra-se dispersa um pouco por toda a parte. A sua organização pontual e o regresso dos deslocados irá certamente permitir reorganizar a vida das pessoas nas suas terras, dado que a planície de Nhandjele dificilmente se pode considerar como fértil para a agricultura.

Este facto de recolocar as populações nas suas terras de origem, estabelecida que for completamente a segurança permite, a um nível, recuperar a economia da região e destruir a organização tribal ali implantada pelos terroristas.

Com os bandidos, as pessoas que viviam em Nhandjele estavam distribuídas por cinco células populacionais com cerca de 50 pessoas cada uma em função das respectivas etnias — bitongas, chopes, matsuas, etc.

Tentativas de tribalizar uma guerra de terror que não tem raça ou tribo e que é feita, movida, financiada e materialmente apoiada do exterior.